

## DONA JOANA

### Princesa de Portugal e Rainha de Castela (\*)

---

Dona Joana, filha de El-Rei D. Duarte, nasceu em 1439, depois da morte de seu pai, e aos dezasseis anos era a mais formosa mulher da Península, e tanto assim que Garibay, no seu *Compêndio historial*, afirmava: "... la Reyna, que era reputada por la mas hermosa (dama) de toda España". Tetzl, que tão de perto conheceu intrigas palacianas e pôde contemplar a graça e a elegância da nova soberana, que depressa conseguiu maravilhar a côrte de Madri, escreveu: "la Reyna es una linda señora morena". Foi com pouca idade que o Destino a fêz Rainha de Castela, e, em volta da sua nobre figura, adejaram, para proveito dos Reis Católicos, as calúnias que sempre enodoam a honestidade. A encantadora Infanta sentiu medrarem-lhe os melhores instantes da adolescência numa época de prodígios, durante a qual se consolidara a independência de Portugal.

Foi nessa época de glória que a vasteza do Mar cativou a fantasia do Infante. D. Henrique, no isolamento Augusto da ponta de Sagres. As névoas das manhãs de Inverno, ao dissiparem-se, deixavam ver as águas que, espadanando, cresciam e avançavam para o Cabo de S. Vicente. O marulho das ondas, as lufadas abrasadoras do deserto, as lendas e o conhecimento do *Livro das Maravilhas do Mundo* obrigaram o Infante a meditar as realidades geográficas que andavam ignoradas. A bula do Papa Calisto III, ao conceder à Ordem de Cristo "jurisdição espiritual sôbre todos os territórios descobertos e por descobrir até à Índia", revelou nitidamente o plano assombroso do criador do nosso império ultramarino. Os Portuguezes tinham um ideal colectivo, repleto da ansiedade sublime da Vida se eternizar pela fôrça do Espírito. Robusteceu-se a consciência da nacionalidade; a mais exaltada fé e audácia produziram a portentosa confiança que converteu Portugal, sem dúvida, na primeira nação do século XV. O País preparava-se para a obra dos descobrimentos, e, quando a nossa prosa era tosca e indecisa, os Príncipes de Avis reagiram contra a supremacia da língua castelhana, estabelecendo barreira definitiva entre dois idiomas que Aljubarrota inimizou ao fulgor de espadas e lan-

(\*) — Trecho do livro em preparação acêrca de D. João II. de Portugal, o Príncipe Perfeito.

ças. Avizinhando cada vez mais o português do latim, os filhos de D. João I, amantes da leitura e do estudo, arrancaram da velha hirtza o ncsso léxico.

D. Duarte amou e respeitou Dona Leonor, espôsa fecunda que enobreceu a ventura matrimonial com nove filhcs. A Rainha, ao acariciar a pequenina Dona Joana, chorava a morte do marido, Príncipe piedoso e amigo de Deus, de quem o físico judeu Mestre Guedelha afirmava que “reinaría pucos anos, e êsses seriam de grandes fadigas e trabalhos” (1).

A Infantazinha regalava-se de ouvir contar como seu pai fôra bom caçador e monteiro; orgulhava-se de ser filha dum Rei que recebia com devoção os Sacramentos e cumpria cristãmente os deveres da Misericórdia; uma tarde comovera-se muito, porque lhe haviam lido o capítulo do *Leal Conselheiro*, no qual D. Duarte assegurava ser a *suidade* “um sentido do coração”. Continuando a leitura, ela cismava no sentido das palavras: “E porém se parece êste nome de suidade tão próprio que o latim nem outra linguagem que eu saiba não é para tal sentido semelhante” (2).

Dona Joana, aos dezasseis ancs, é mulher feita. Não tem os olhos azuis, e cabelos de oiro: a sua formosura mostra-se iluminada pelos sonhos do Ocidente, em que o amor se assemelha à vaga côr de rosa e as estrelas lucidam por sôbre a volúpia dum mundo de carícias e ambições. A sua mocidade canta, seduz e alucina, como se nela se acendessem os lumes da lascívia, alvoroçando corações. A esbelteza do seu corpo parece modelada pela chama do entusiasmo, e a sua côr morena, por vêzes, lembra um clarão de fogo. A pretidão da cabeceira exuberante e perfumada, que lhe realça o encanto da testa e das faces, cintila e fascina; os olhos grandes, escuros e belos, impressionam pelo esplendor misterioso que atrai e subjuga; e a boca vermelha e bem desenhada entreabre-se em sorrisos que são feixes de luz e hincs de doçura infinita.

Joana adora o luxo das sêdas, e fulgência das jóias, o movimento das danças, a frivolidade das conversas, as gabações que a enaltecem, as intrigas femininas bichanadas a medo; extasiam-na as façanhas dos cavaleiros, a arte de cavalgar, e os louvores dos poetas palacianos. Herda de sua mãe a vivacidade das aragonesas, e garrida e alegre (3), exulta ante o prâzer da vida, desatentando rigorosos preconceitos, que a irritam e aborrecem. Vaidosa? Certamente, porque os espelhos não mentem... Acha-se linda e sedutora, mas às mulheres compete cuidar de tudo que as possa embelezar mais em cada dia: amacia a pele com polvilhos de Chipre; abusa de pomadas e perfumes; aias e cuvilheiras arrebicam-lhe a fartura enovelada dos cabelos; para se toucar convenientemente, só acredita nas pérolas e fios de oiro dos seus capeleios.

(1). — Rui de Pina, *Crónica de El-Rei D. Duarte*, cap. II.

(2). — *O Leal Conselheiro*, cap. XXV.

(3). — Esta exuberância de alegria escandalizou o historiador Palencia e mereceu reparos do grave D. António, Caetano de Sousa.

Sabe que a censuram, porque perturba os homens; percebe que lhe invejam a graça e a frescura da juventude. Que lhe importa tudo isso, se ela prefere a existência buliçosa, se lhe pertence o direito de gozar o fausto em que a sua imaginação se exalta! Não se julga pecadora ou culpada por causa dos caprichos da fantasia... Mais duma vez tenta ser austera e triste, mas o seu feitio é impulsivo e dado às galanices... Sente-se honesta, e compreende quanto deve à herança moral da avó. Agrada-lhe rezar e guardar os jejuns impostos pela Igreja; nenhuma dona ou donzela franja os ramais com maior habilidade e paciência do que ela; nenhuma filha de algo a excede na perícia de broslar sêdas a ouro e prata. Tem dezasseis anos, idade em que a mulher folga e ama, ri e baila: deixêmo-la devanear, porque a sua carne é moça, porque a sua alma precisa de viçar sem duras e exageradas cautelas.

Assomam-lhe nos olhos aveludados os relâmpagos do regozijo ao convencer-se de que o Rei Henrique, seu parente, a quer para espôsa. Ver-se Rainha de Castela, substituindo na côrte Branca de Navarra, é realidade tão inesperada que até se assemelha à luz dum sonho... Infanta e orgulhosa da estirpe, não pode ambicionar mais: terá, fechando as mãos, a vida doirada da riqueza e do mando.

Principiam os preparativos da viagem. Nas arcas encoiradas acomodam-se as peças de brocado e veludo, os mantos luxuosos, as fraidilhas de finíssima lila, e as camisas brosladas; em cofres pequenos, guardam-se anéis de rubis e esmeraldas, braceletes e colares reluzentes de pedrarias.

Joana, tagarelando com as damas que a devem acompanhar, examina as crespinas, as bocetas onde se juntarão tôdas as jóias de casamento, e, enlevada, contempla os ramais de coral. Escolhe para as suas inocentes confidências Guiomar de Castro, filha do Conde de Monsanto, que também é linda e turbulenta. A azougada Mência de Lemos atreve-se a dizer que ao Rei Henrique mingua a boniteza... A Infanta não se ofende com a franqueza da amiga, e replica-lhe que se o noivo é feio, lhe dará ainda mais amor e carinho; para ela todos os Reis são belos, quando governam bem os povos. Aos lábios de Mência aflora um sorriso zombeteiro. Afoita, completa a informação: o soberano tem cabeça enorme e cabelos avermelhados; usa a barba crescida, e um nariz rombo e chato malamente lhe assanha o rosto (4).

Joana não responde, porque as últimas palavras de Mência de Lemos ressudam uma verdade amargurosa, que, assim de repente, amesquinha o seu fantasiado idílio. Horas depois, a sós, cogita em paz: sob o domínio da razão recupera a serenidade, e as esperanças voltam-lhe inteirinhas, porquanto não há motivo para

(4). — "... la nariz roma y muy llana, aunque no de nacimiento, sino por hision... la barba crecida, el cabello rubio, pocas vezes afeitado". Caribay, *Compêndio Historial*, 11, 495.

dasconsôlo... Uma voz íntima, sensata e convincente, segredou-lhe as vantagens da realeza... Bastante que seja ela formosa; já se não aflige com a fealdade do Rei, esse monarca ruivo e gordo que toca alaúde e canta nos instantes de melancolia. Sim: há-de amá-lo e muito, que El-Rei Henrique lhe permitirá viver pomposamente...

Essa mesma voz repete em leve e deleitoso murmúrio: "Rainha de Castela!" E Joana rejubila num arrebatamento de ambição.

\*  
\* \* \*

Henrique IV, às escondidas, para evitar comentários à sua impaciência de enamorado, apareceu inopinadamente, em Posada, porque desejava conhecer a noiva antes de ela chegar a Córdova, com um séquito de joviais e irrequietas damas, mocidade em flor que o velho e maldizente Palencia difamou na sonância do latim.

O Rei de Castela, corpulento e desajeitado, ao achar-se em frente de Joana, fixou os olhos azuis nos olhos pretos da prima. Queria mirá-la numa paixão súbita e sincera. Era linda, na verdade, a irmã do Rei português: nunca vira rosto de côr morena tão ardente e cílios que tanto acariciassem a tentação do amor. Ela também o fitou, e viu com surpresa que as pálpebras do monarca se cobriam de vermelhidão desagradável, enquanto o defeito do nariz lhe punha traços de antipatia na cara larga.

A histórica entrevista teve a duração de poucas horas, e D. Mência de Lemos, depois que o Rei se partiu, segredou para a sua amiga D. Isabel Henrique o que se dizia daquele estranho noivo: certo mal o impedia de ser marido e pai... Queixava-se Dona Branca de Navarra de que D. Henrique lhe deixara maninho o ventre por culpa não dela...

Apesar de tantas conversas semelhantes a esta, a Rainha gozou a lua de mel, sem se atribular com o aspecto feroz de Henrique e os hábitos que elle adquirira e serviam de motejo permanente.

Dona Joana era ciumenta. Adivinhou no semblante do Rei a labareda de outro amor; vigiava-o às furtadelas, porque lhe custava suportar as saudades do idílio que fenecera. A galante Guiomar de Castro, ao desrespeitar a Rainha, converteu-se em amante de Henrique IV. Dona Joana soube que o marido dormia, muitas vezes, com a dama portuguesa. Indignou-se, ferida em seu orgulho, e esperou o momento propício ao castigo. Certo dia, a mão trémula da filha de D. Duarte ergueu-se numa bofetada que estrondeou, inflando a face de Guiomar. O escândalo levou El-Rei a afastá-la da côrte; longe de Madri, ela recebia as visitas de quem lhe não negava as regalias de manceba prestigiosa.

Os acontecimentos, na vertigem do tempo, trouxeram para junto de Henrique IV D. Beltran de la Cueva, verdadeiro tipo de

peleizador. Andaluz e valente, pousava-lhe nos lábios o lampejo do amor-ousadia; fidalgo e exuberante de maneiras, possuía o dom de apaixonar as almas femininas; a esbelteza insinuante da sua figura e tudo quanto dêle se contava, em lances de heroísmo, despertaram invejas e rancores. O Rei nomeou-o seu pagem-de-lança. Ao espírito arrebatado do astucioso cavaleiro Joana apresentou-se como um ente digno de adoração e ternura. Ele deu-se todo à contemplação da beldade que o impelia irresistivelmente para o desvario dos sentidos; a Rainha talvez lhe escutasse, envaidecida, um ou outro louvor, talvez o olhasse com estima, sem macular, entretanto, o recato conjugal.

Em fevereiro de 1462, nascia uma Infantazinha, e Joana desmentiu a calúnia de Branca de Navarra. Henrique IV era pai: o nascimento da mimosa criança vinha confirmar as declarações que mulheres de vida fácil fizeram, no pleito do divórcio, sobre as possibilidades varonis do Rei, Rei que sempre se havia mostrado homem capaz de coito. Estalaram as intrigas, e os insultos alcunharam de *Beltraneja* a Princesinha, que, mais tarde, seria a *Excelente Senhora*.

\*  
\*   \*  
\*

Oliveira Martins não quis investigar, escrupulosamente, o que houve de verídico em todos os sucessos que maltrataram a reputação da esposa de Henrique IV. Acreditou no adultério de Dona Joana: firmando-se em Pulgar, afiançou que a Rainha, o Rei e o garboso pagem-de-lança “viviam numa intimidade satisfatória” (5); lendo Pelencia, esqueceu-se de que este fôra apaniguado dos *Reis Católicos*, e, assim, assegurou que o Infante D. Afonso, irmão de D. Henrique, em pequenino, vira entrar o pagem para a câmara de Dona Joana; depois, com a ânsia de culpar a irmã de Afonso V de Portugal, invocou Valera para garantir que “a côrte felicitava o Rei que não sabia como agradecer ao seu Beltran o serviço inestimável que lhe fizera”.

No século XV, Damião de Góis, na compostura de escritor viajado e erudito, tentou tomar a defesa de Dona Joana. A Rainha de Castela andava injustamente abocanhada: António de Nebrija, professor de eloquência latina nas Universidades de Salamanca e Sevilha, avançou a difamação até o proscênio das idades futuras, insinuando que Henrique IV era impotente e “alcovitara a Rainha Dona Joana, sua mulher, e um privado, do qual ela emprenhara e parira a Infanta Dona Joana” (6).

(5). — O Príncipe Perfeito, 3.ª ed., p. 237.

(6). — A este respeito, Damião de Góis, na *Crôn. do Príncipe Dom João*, cap. XXV, observa que o escritor castelhano “fala deste negócio mui atrevido, e não tão cautamente, nem com tanta honestidade como a homem grave e letrado convinha”.

Frei Afonso Venero, da ordem de S. Domingos, Lúcio Mariano Sículo, D. Afonso de Cartagena, bispo de Burgos, e Henrique de Castilho, capelão de El-Rei D. Henrique, mostram-se mais sensatos perante a responsabilidades das asserções.

Quanto ao defeito físico atribuído a Henrique IV, Alvarez de la Fuente (7) escreve: "Malicia fué de aquel tiempo, y en el más adelante, lisonja de los Reys Católicos". Sitges (8) opina: "Se ha dicho y se ha creído generalmente que fué impotente; pero esta es la falta menos probada que se achaca a Enrique IV, y los textos en que apoya tal imputación no son de una autenticidade tan evidente que merezcan crédito absoluto". Ultimamente, o sábio Gregório Marañon, da Academia Espanhola, no interessantíssimo e notável estudo *Ensayo biológico sobre Enrique IV de Castilla y su tiempo*, acertadamente esclarece: "No caso de Dona Joana e D. Beltran é preciso insistir que não há uma só prova, nem uma só, da veracidade das suas relações pecaminosas". O mesmo cientista completa o pensamento que o domina: "Não existe um único argumento directo de mediano valor".

Dona Joana nascera, assim como suas irmãs Leonor e Catarina, dentro duma tradição de excelsas virtudes, que Filipa de Lancastre havia arraigado nos usos e costumes da côrte portuguesa. D. Duarte obtivera de sua mãe a mais perfeita formação religiosa, e êle, que cismara em todos os deveres do homem e do rei, transmitiu pelo exemplo aos filhos a gravidade das acções. O sucessor de D. João I, que foi casto e pensador, amou ternamente a Rainha Dona Leonor, filha de Fernando I de Aragão; trazia na consciência a pureza que nunca o hábito da maldade embaciou; entregava o espírito à leitura dos romances do ciclo bretão e das *Meditações de Santo Agostinho*; e, curvado sobre o manuscrito da sua melhor obra, ensinou "como se devem amar os casados".

Embalaram o berço de Dona Joana os princípios educativos que ainda se apegavam à tradição moral criada e fortalecida pela hierática Dona Filipa.

Como explicar o repúdio de Branca de Navarra, quando lhe atribuíram o defeito da esteliridade, se o Rei de Castela fôsse, realmente, um *impotente*? Se a impotência henriquina constituísse *facto averiguado*, seria o Arcebispo de Toledo confirmado, solenemente, pela autoridade do Papa Nicolau V, a sentença de divórcio? As declarações escandalosas de algumas testemunhas revelam ao historiador a série de mentiras forjadas no desvaio dos enredos políticos.

Murmurava-se que Dona Joana engravidara de D. Beltran de la Cueva. Seria admissível que o Rei concedesse ao seu pagem-

(7). — Sucesion real de España, III, p. 228.

(8). — Enrique IV y la excelente señora llamada vulgarmente Dona Juana la Beltraneja, pág. 379.

de-lança, para recompensa do adultério, o título de Conde de Ledesma? Tendo Joana por amante o sagaz fidalgo, seria também lógico e natural que Henrique IV atribuisse à Rainha tanto carinho por ocasião do parto? O cronista Henrique de Castilho narra que o monarca de Castela “mandou chamar a Rainha que viesse parir em Madri, e pelo grande bem que lhe queria a tomou nas encas de sua mula, para que com mor repouso e descanso entrasse na vila” (9).

Não julgamos crível que um *impotente* se perdesse de amores pela lasciva Guiomar de Castro, a dama que provocou o ciúme da Rainha e a quem só agradava a impetuosidade carnal. Por que motivo o soberano a manteve na situação de amasio, folgando de a ver sempre jactanciosa? Certamente para gozar a posse dum corpo que ardia em bravos desejcs. Se a Rainha fôsse tão leviana e impudente, como a despreveram cronistas mal intencionados, Henrique IV haveria reunido côrtes em Madri para declarar que a Infanta D<sup>na</sup> Joana era sua filha legítima, e a fêz jurar, em idade de dois meses, herdeira e sucessora dos seus Reinos e senhórios?

Supomos que uma das provas mais evidentes da inocência da Rainha está nas palavras que ela proferiu, depois de receber a Eucaristia, na Catedral de Segóvia: “Faço juramento a Deus e a Santa Maria e ao sinal da Cruz de que tenho a certeza ser a Princesa Dona Joana filha legítima de El-Rei meu Senhor e de mim” (10). Não podia mentir em seguida a um sacramento que sempre foi luz da vida de Cristo e graça santificante. A mesma declaração assomou aos lábios de D. Henrique: “Creio ser Dona Joana minha filha, e como tal a tenho tratado desde que nasceu”.

A leitura cuidadosa dos cronistas demonstra que não existe uma única *prova objectiva* do pecado que os partidários dos Reis Católicos inventaram para beneficiar projetos políticos. D. Beltran de la Cueva, pela sua insignificância moral e intelectual perdeu, no decorrer dos séculos, o interêsse histórico: foi apenas o favorito que conseguiu alentar a mais cruel e difamadora *fábula*.

A Rainha de Castela preocupou-se, sem dúvida, com futilidades; radiante de beleza, tinha a vaidade feminina muito apurada, tão apurada que, em testamento, pediu que a terra húmida e fria não cobrisse logo, após a morte, o seu corpo.

Foram as recordações religiosas da infância que, sob a forma de saudade, lhe indicaram um novo procedimento: despedaçou, em resolução inabalável, tudo que adorara como Rainha de Castela, e, no Convento de S. Francisco, de Madri, buscou a paz que

(9). — Referência de Danião de Góis ao cap. XXXVII da Crónica de Henrique de Castilho, capelão do Rei Henrique IV de Castela.

(10). — Gregório Marañon, *Ensayo biológico sobre Enrique IV de Castilla y su tiempo*, 2.<sup>a</sup> ed., pág. 72.

purifica o espírito. A vida tornou-se-lhe silêncio; ao morrer com trinta e seis anos, a ruindade das paixões ainda junccu a sua sepultura de flôres venenosas.

\*  
\*   \*  
\*

A Rainha Dona Joana, irmã de Afonso V de Portugal, está integrada nos acontecimentos que agitaram as ambições portuguesas na segunda metade do século XV: foi mãe de outra Dona Joana, que a carta régia de 21 de outubro de 1480 chamou a *Excellente Senhora*. Dificilmente se encontrará Princesa mais infeliz. Arrebataram-lhe das mãos a glória da realeza; amarfanhando esperanças, ela preferiu enclausurar-se no Mosteiro de Santa Clara a ficar em terçaria. Mais tarde, D. João II resolveu libertá-la do hábito pardo, estabelecendo-a no Paço da Alcáçova, com sump-tuosidade e respeito (11).

A História, em sua missão de procurar a Verdade, precisa banir a alcunha de *Beltraneja*, que encerra falsas acusações. Dona Joana, Rainha de Castela, pelo vigor da razão e claridade da consciência, não resvalou, felizmente, no abismo das ignomínias.

Lisboa, Portugal.

PROF. DR. MAGNUS BERGSTRÖM

---

(11). — Conde de Sabugosa, *Gente d'Algo*, 2.<sup>a</sup> ed., pág. 182.